

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



## REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUSA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

## Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3,600 rs. — Semestre 1,920 rs. — Trimestre 1,000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 29 — SABBADO, 19 DE JULHO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,000 — Semestre 2,100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 3,000.

## SUMMARIO.

A Caixa do doutor (conclusão) — A arte dramatica e o theatro normal — Uma viagem pela litteratura contemporanea (continuação) — O theatro de D. Fernando — Ser ou parecer — Physiologia das plantas de Lisboa — Telegraphia electrica — Inundação de Lyão — Pharol de Nossa Senhora da Luz — A paz de 1814, Templo da Concordia — Chronica.

GRAVURAS — Pharol de Nossa Senhora da Luz — Templo da Concordia — Theatro de D. Fernando — Ser ou parecer — Inundação de Lyão.

## A CAIXA DO DOUTOR.

(CONTINUAÇÃO DE UM CONTO DE HOFFMANN.)

(Conclusão).

Este periodo da minha vida, não se distanciou muito dos que vemos todos os dias, e dos que tantas vezes temos lido a respeito de outros jovens em circunstancias identicas.

Todas as sensações, que se experimentam; todos os desvarios, que se commettam; todas as villezas, que se praticam debaixo da influencia de um vicio tão desgraçado, foram provas todas, porque eu passei, e tormentos, que soffri. Pouco a pouco fui vendendo tudo, e a propria mesada, que meu pae me remetia, Deus sabe a custo de que sacrificios, era immolada ao jogo, salvo a pequena quantia para alimentação e casa, que tirava antecipadamente e que assim depunha nas mãos da mulher, que me hospedava.

Entretanto a esperança não me fallecia; e dos proprios revezes tirava estímulos para continuar, e crenças de melhorar de sorte. Livros, fato, mobilia, tudo que meu tio me tinha deixado, já tinham sido vendidos por infimo preço, achava-me destituído de recursos, e sem prever mudança de resultado. Visitava Maria, e quando desalentava, a sua vista fazia-me crear novas forças, e proseguir com maior furor. Nem uma palavra lhe tinha dito ainda sobre os meus desvarios, e desculpava-me sempre com a infelicidade dos nossos amores, quando me perguntava porque andava triste, e abatido.

Uma tarde, depois de ter concebido um projecto, d'onde forçosamente devia de recolher immensas vantagens, depois de ter planeado lances venturosos, e ter, segundo me parecia, descoberto um magnifico segredo, que sem duvida alguma levaria o monte á gloria; achava-me entregue ao estado de desespero, em que se vê um homem, que tendo perto de si a felicidade, sente o braço preso, e que, por mais que forceje, não a pode alcançar.

Era o supplicio de Tantalos em paraphrase. Bem pouco carecia, e esse pouco mesmo não o podia obter. Nada encontrava, lançando os olhos em roda de mim, de que podesse deitar mão, e os meus projectos todos caíam pela base. Faltava-me uma bagatella, um nada, mas que precisava realisar a todo o custo.

Lembrei-me escrever a Maria; um resto de pudor tolieu-me o braço, que já ia começar a carta. Não devia tocar no seu dinheiro, a origem d'elle m'o impedia. N'estas circunstancias sem saber o que fazer, desesperava-me debalde, quando, por acaso ou fatalidade, lancei os olhos sobre esta caixa, que estava em cima de uma mesa e que deveria prefazer a quantia de que necessitava. Bem pouco podia produzir, mas bem pouco também era o que eu precisava. Vacillei ao principio e as recommendações de minha mãe vieram-me á memoria n'esse momento: o vicio todavia era mais forte, foi elle que venceu por fim. Consolei-me com a esperança dos ganhos, e a facilidade de a readquirir com esses lucros; não me demorei a pensar mais, receando a voz da propria consciencia, e corri como um louco ao primeiro adelo, que me deu bem pouco por ella, mas que me prometteu ao mesmo tempo entregar-m'a logo que lhe restituísse o dinheiro que sobre ella me dera, com um lucro, ao que dizia, razoavel, que mais tarde havia de arbitrar.

Fui com a cabeça louca para a casa de jogo. Perdi o que levava, e o projecto, que tão bem planeava, caiu pe-

rante a realidade, como os castellos de cartas, que fazia em creança, me caíam ao menor sopro, ou ao menor estremecimento.

Estava arruinado de todo, e estava perdido. Não sei o que fiz nem como cheguei a casa! Lembra-me só, que a noite que então passei foi uma das mais angustiadas da minha vida. Aparecia-me minha mãe, debulhada em pranto, exprobrando-me a falta que commettera e o esquecimento das minhas promessas.

Meu pae, que deixara doente, levantava-se diante de mim agonizante e ameaçador, lançando-me em rosto a sua morte, e os soffrimentos porque passava; a casa em que habitara caíra em ruinas, e de espaço a espaço, uma figura, cujas formas não podia verificar, mas que tinham o que quer que era de extraordinario, me surgia de dentro da caixa, que estava aberta diante de mim, e soltava gargalhadas atterradoras, que me enregelavam a alma.

Foi uma noite que não me hade esquecer mais; os seus prognosticos realisaram-se. Dois dias depois recebia uma carta orlada de preto em que se me participava a morte de meu pae, e a breve chegada de minha mãe, porque a nossa casa ficava entregue aos credores que se tinham apossado de tudo.

N'essa mesma carta marcava-se a hora em que meu pae tinha fallecido; era proximoamente aquella em que tinha feito passar para as mãos do adelo a caixa que me dera minha mãe!

Uma lagrima veio cortar n'este ponto a narração do doutor, que quasi envergonhado de se ter mostrado homem, proseguiu pretendendo disfarçar a emoção, que transparecia ainda assim por entre as suas palavras, apesar do falso cunho de tranquillidade, que lhe pretendia impôr.

Até á chegada de minha mãe, não vi Maria nem pessoa alguma, porque não saí de casa e estive sem dar accordo de mim. Devo a esses dias as cãs precoces que hoje tenho, e as rugas que me sulcam as faces. Envelhei muitos annos cada dia, e se não morri então é porque certas dores prolongadas parecem conservar a sua victima para mais devagar se satisfazerem, como o selvagem conserva e sustenta os seus prisioneiros de guerra para depois de seu vagar satisfazer á custa d'elles os seus desejos perversos.

Interrompeu-me n'esta dôr a pobre viuva, que cheia de saudades, abandonando tudo a que mais tinha querido, vinha procurar nos braços do filho conforto a tantas magoas, e uma compensação, hem fraca na verdade, para revezes tão repetidos. Pobre mãe! Mais uma desillusão a esperava, e o filho com quem tanto contara, que supuzera trabalhador, estudioso, appli-



O pharol de N. S. da Luz.



estado, apparecia-lhe desregrado, devasso, inhabil para o trabalho e incapaz de applicação.

Nem uma palavra de severidade, nem uma censura sequer lhe ouvi proferir; pelo contrario consolou-me de meus proprios erros: e sem me accusar, attribuiu ao meu isolamento e pouca idade as faltas, que tinha commettido.

Era um coração de mãe, sempre disposto para perdoar, sempre desejoso de encontrar innocente o filho das suas entranhas.

A tremer contei-lhe o que tinha feito da caixa, e apesar de que não proferiu uma só palavra amarga, conheci, por dois jorros de lagrimas que lhe rebentaram dos olhos, que tinha sido esta das minhas culpas, a que mais lhe tinha custado.

Filho, me disse, não era por um vão capricho que te pedi a conservação d'esta caixa; prendia-lhe recordações bem antigas, se algumas eram amargas, outras eram saudosas e suaves. És já um homem, posso-te contar esta historia tal como succedeu.

Antes de conhecer teu pae, amei outro homem, que em nada lhe cedia em cavalheirismo e brio. Era honrado, e amava-me, como poucos o tem feito. Morreu quando, obtida a licença de meu pae, nos iam desposar, e por unica lembrança legou-me esta caixa de triste agouro em que se continha a nossa correspondencia toda, as nossas promessas e o seu retrato, prenda de sua mãe já fallecida.

Era um espolio bem minguado, mas bem queria-lhe, pelo quanto amara seu dono. Tinha morrido na flor da idade, e tinha-se-me conservado no pensamento engrandecido pela magestade do tumulo. As saudades passaram como tudo o que é d'este mundo, e dois annos depois achei-me ligada a teu pae, sem que perdesse na substituição e sem que por modo algum tivesse de me arrepender da escolha.

Houve uma epoca porém em que notei uma certa frieza da parte de meu esposo de que não podia aperceber a causa, e de que elle nem por sombras me deixava suspeitar a origem. Via-o triste, arrebatado, sem me dirigir palavra, e não me respondendo, quando lhe perguntava o porque de semelhante mudança. Soube-o porém mais tarde, quando, reconhecendo a verdade, m'a confessou pedindo-me perdão das suas suspeitas.

Poucos mezes depois do nosso casamento tinham vagoado a meu respeito calumnias infamantes. Tinham dado aquelles primeiros amores tão puros, tão castos, uma interpretação perversa; e tinham conseguido os malvados fazer chegar aos ouvidos de teu pae aquelles boatos covardes.

Elle vacillava entre a duvida e o amor; a voz do ciúme atormentava-o, mas o muito que me queria destruiu-lhe as suspeitas. Um dia, tinha eu saído, entrou no meu quarto e procurou em todas as gavetas da minha mobilia, para ver se deparava com algum indício do crime que me suppunha. Encontrou esta caixa, e quando em vista do retrato e das cartas me ia julgar culpada, a leitura d'estas ultimas provou-lhe a minha innocencia.

De volta encontrei-o mudado completamente; ria, chorava, abraçava-me, e de joelhos pedia-me perdão. Não o comprehendí ao principio; porém quando mais tarde me contou tudo, ainda mais estimei a caixa, que tão grande serviço me prestara, e que me restituira o amor de meu marido.

É uma creancice, bem vejo; mas sinto immenso, que assim a deixasses. Talvez ainda lá esteja, na loja em que a vendeste, e enquanto voltas a procural-a, diante d'esta imagem, reliquia para mim igualmente sagrada, pedirei á Santa Virgem que te permita encontral-a.

Deixando minha mãe de joelhos a resar diante da imagem santa corri ao adelo, em busca da minha caixa. Já lá não estava; tinha-a vendido a uma senhora, que ao vê-la a comprara sem fazer preço. Pelos signaes, que recebi, suspeitei que seria Maria. Por vezes lhe tinha contado a historia da minha partida da aldêa, bem como lhe tinha mostrado a caixa, que recebera de minha mãe. De mais, que outra pessoa poderia tomar interesse por um traste antigo, que não primava nem pela riqueza nem pelo feitio. Só ella, e para m'a restituir depois, poderia ser; e o coração dizia-me que as minhas suspeitas eram justas.

Corri a casa d'ella; tinha partido n'essa manhã para a Madeira com a pessoa que a tinha recolhido. Soube pelos criados, que o medico assim o determinara, receando pela sua saude, que piorava a olhos vistos. Nenhum recado tinha deixado para mim, e a criada, que era nossa confidente, tinha ido em sua companhia.

Perdendo as esperanças de todo, voltei para casa sem animo, e sem vontade de apparecer diante de minha mãe: porém qual foi o meu espanto quando lhe deparei entre mãos com um pacote, que me era dirigido, onde reconheci a letra de Maria, e onde, conjuntamente com esta carta, encontrei a caixa, que tantos cuidados me tinha causado, e que finalmente me apparecia quasi milagrosamente.

A carta, que o doutor me deixou ver, dizia assim— Meu amigo—Os medicos aconselharam-me mudança de ares para restabelecer a minha saude; porém debalde, a molestia de que soffro não tem cura, não me abandonará senão depois de morta. Antes assim; para que deveria eu viver?—Que me podia apresentar o mundo que me agradasse?—Restituir-me-hia porventura a felicidade, que me roubou? Não decerto. Assim deixei-os fallar, conhecia

a natureza do meu mal, e se acquiesci ás suas determinações, foi mais para condescender com aquelle, que me tem servido de pae, do que esperançada em melhoras, que não desejo, e que felizmente não podem ter lugar. Só tu, meu bom Fernando, me perdoaste o mal todo que te causei. Deus t'o hade recompensar, e se no ceo houver perdão para uma peccadora, como eu fui, as minhas preces não deixarão de clamar por ti ante o Senhor.

O nosso amor foi um sonho, esquece-o e perdoa-me, e se me não despresas de todo, conserva essa lembrança minha, que comprei por saber em quanto a estimavas.

Era uma prenda de tua mãe, podes consideral-a pura porque nem me atrevi a tocar-lhe. . . se eu não era digna. . .

Ah Fernando perdoa-me, e lembra-te da tua Maria. —Chegaram-me as lagrimas aos olhos, e perguntei ao doutor que destino tinha levado?

Poucos tempos depois, me respondeu, morria d'uma phytica pulmonar na Madeira.

—E o seu seductor?

—Esquecia-me dizer-lhe; Maria tinha cumprido a sua promessa, ou antes Deus tinha-se servido d'ella para castigar aquelle malvado. Introduzindo-se em casa do protector de Maria, imitou-lhe a assignatura e falseou-lhe algumas letras. Este crime foi descoberto, outros mais de equal theor se conheceram por essa occasião, e além da baixa de posto, foi-lhe comminada sentença de degredo, que está cumprindo na costa d'Africa.

E agora, doutor, pelo que vejo, vae d'accordo com os que exaltam as mulheres perdidas e idealizam a prostituição, não é assim?

Deus me livre de tal. Escriptores modernos de grande vulto, francezes sobretudo, tem pintado com tão favoraveis côres as Messalinas da actualidade, que ao reparar n'ellas, quasi que as Lucrecias tem vontade de trocar o manto da honestidade pela chlamyde da devassidão. Maria era uma creatura á parte; como ella talvez um grande numero se encontre, porém a maioria torpe e abjecta, se se não devem despresar, a sua desgraça lhes basta, deve-se-lhe evitar o contacto e muito menos apresental-as em publico, enfeitando-as com flores de poesia, que quasi nunca lhes sobram. Ulceras de mais tem a sociedade; em demasia as vemos todos os dias, para que nol-as apresentem no theatro, no livro, no poema, no romance, n'esses logares todos onde a esthetica manda que se acate a honestidade e se evite o torpe.

—Mas, segundo me parece, o fim d'esses escriptores é apresental-as debaixo de um aspecto, que não incite a imitação.

Systema, que muitas vezes dá em resultade consequencias bem diversas. Lembra-se, amigo, do que a proposito de um objecto identico escreve um publicista notavel da sciencia, que estuda: Os autores, que tem pretendido desarraigal este vicio, fazem-n'o pintando por tal forma, e com côres tão fascinantes as suas terriveis consequencias, que incitam á perpetração desvairando as intelligencias dos leitores. Coisas são estas, em que é prudente não aprofundar muito, e em que se alguém se demora muito a considerar, é seduzido pela mesma attracção, que leva a precipitar-se o observador, que mira por muito tempo o abysmo.

Largas considerações continuou o doutor a fazer sobre este assumpto, que pouparemos a quem nos ler não só para lhe evitarmos um tedio mais prolongado; como tambem por ser aqui, que verdadeiramente acaba a *Caixa do Doutor*.

R. PAGANINO.

## A ARTE DRAMATICA E O THEATRO NORMAL.

### I

Até hoje as reformas, que mais interessam as letras, e as sciencias, tem sido combinadas entre poucos, e sempre ás escuras e longe da publicidade; e rebentando de repente da secretaria de estado para a folha official, dispensam o voto das pessoas habilitadas, e as advertencias do tempo e da observação.

Assim foi gerado e nasceu o decreto de 22 de setembro de 1853, que ha tres annos rege a administração do theatro de D. Maria II.

Traçado na ausencia de solidas informações, e por isso menos adequado ao fim, que dizia propor-se, parece que viu a luz, mais para castigar o zelo da Inspeção Geral dos Theatros e da commissão litteraria, que n'esse momento discutiam um projecto completo, do que para remediar os males, que na realidade existiam, e que ficaram subsistindo quasi todos, mas aggravados por outros novos, bem faceis de prever, uma vez acceitas as viciosas premissas, que lhe serviram de fundamento.

No mundo pequeno dos papelistas e das importancias balofas, cada facto conta a sua historia; e a do decreto de 22 de setembro é das mais curiosas, das mais comicas, que ha noticia!

— Talvez um dia nos deliberemos a narral-a extensamente; por agora bastará apontarmos uma ou outra particularidade mais precisa.

Em quanto as repartições competentes com o beneplacito do governo se esmeravam em corresponder ás suas obrigações, elaborando com pausa, e perante os documentos, as modificações aconselhadas pela experien-

cia, andavam suffocados os alvitristas de obra grossa subindo e descendo escadas ministeriaes, munidos de tesouras e agulhas albardeiras, cozendo, cirzindo, e enesgando uma especie de manta de farrapos, remendada de retalhos empalmados a todas as leis de theatro, e o que é mais ridiculo, até a esse projecto ainda informe, que para elles o desmembrarem no cepo se mandou baixar imperiosamente.

Confrontar as disposições publicadas com as que se achavam na tela do estudo seria um acto cruel, mas talvez util para desmascarar o segredo de certas capacidades repentinas, que o favor inventa, e que o desprazer torna a sepultar, desvanecido o ephemero valimento.

Nunca se ligaram com violencia textos tão contrarios! Os principios mais oppostos foram obrigados a abraçarse; e o que devia ser uma organização logica, meditada, e completa, saíu um triste mosaico de artigos incoherentes, alguns risiveis pelas amphibologias, e todos brigando com o fim grave e civilizador que devia propor-se um decreto, que promettia restaurar a arte, exaltar as letras, e levantar desde os alicerces o theatro nacional, decaído e prostrado á falta de salvadores, que soubessem entender as suas necessidades, e curar os achaques da sua velhice precoce!

Para de uma vez se pôr termo a todas as perplexidades, e se cortarem no vivo os herpes á enfermidade, os autores anonymos da reforma assentaram que era indispensavel proceder á decapitação do systema, que apesar de alguns defeitos remediaveis podia fechar a porta ás exigencias descabelladas e ás vaidades illegitimas, que não cessavam de rondar o atrio e os corredores do edificio,volvendo olhos saudosos para antigas e commodas prebendas, que só um golpe de estado podia restituir.

Os emigrados dramaticos escolheram o seu Vilelle, e entrando com elle na frente, não se esqueceram de inscrever na bandeira restaurada as indemnizações devidas á constancia infeliz e ao desterro forçado.

O principio de associação foi immolado sem remorso, e como victima expiatoria!

Embora estivesse innocente e não tivesse parte nas culpas reaes, e nos erros fingidos, cumpria começar por elle sob pena de ver mallograr o plano.

Que importa que ao mesmo tempo succumbissem os direitos adquiridos, as garantias contractadas, e as promessas de estimulo solemnemente estipuladas?

A voz do capricho era mais forte, e podia tudo! Depois, miserias taes nunca demoram os homens grandes no seu passo.

Até então regateava-se um subsidio escasso e insufficiente á primeira scena, e queria-se que ella, com a sua pobreza, fizesse tanto como as opulentas. Logo em seguida descobriu-se o meio de realisar doze e quatorze contos de auxilio annual para manter prodigalidades, este-reis para a arte e para as letras.

O governo declarou-se empresario do theatro, e asseverando que assumia a responsabilidade para de mais perto occorrer com incentivos proprios ao desfallecimento geral, que deplorava, nem uma só provisão inseriu no decreto de 22 de setembro que represente a illustrada protecção, que não podia deixar de estender sobre os autores e os actores, já que não duvidara descer da sua elevada esphera até ao papel de gerente industrial.

Os abusos, que se accusavam procediam da influencia de monopolios encobertos, que arredavam (segundo se affirmava), as boas peças da scena para lhes antepor mascaradas versões, e trivialidades irrisorias, compradas por vil preço.

O que fez o decreto de 22 de setembro para cohibir o mal, e abrir caminho ao talento e ao merecimento?

Investindo na censura moral e politica o commissario do governo (artigo cincoenta e sete, numero dois) autorisa os contractos entre a administração e os autores, que sem garantia de verem as suas obras representadas, ou com eminente risco de as verem tirar de scena por especulação, tinham necessariamente de ceder a uma coacção indirecta, mas inevitavel!

Como se animou o engenho a applicar ao drama e á comedia todos os poderes da imaginação e do estylo?

Apesar de duplicado o subsidio, não se propondo um só premio, que o convidasse a cultivar os generos mais arduos da poesia!

Quando muito concediam-lhe uma fria hospitalidade no palco, e a solidão das platéas desertas, sem lhe compensarem estas amarguras, com a esperança de um triumpho!

Em quanto em theatros secundarios se offereciam premios ás peças mais applaudidas, uma empresa do governo cuidava apenas em cisar por contractos anteriores os direitos de propriedade litteraria, que a lei fixara, e mais triste exemplo ainda, nem sequer cumpria os preceitos d'essa lei, no que respeita á propriedade litteraria dos estrangeiros!

Julgando excessivo o texto da lei de 8 de julho de 1851, e o tratado firmado n'ella, não podemos desculpar todavia a reluctancia á sua execução, sobretudo por parte de delegados do governo, que a sancionou!

Ficam mal ao poder, e ferem duplamente a vista, as argucias empregadas para espaçar, ou para illudir a satisfação das clausulas onerosas, quando se obriga os outros a cumpri-las.

Com os actores deu-se identico desamparo. Rasgaram-lhes sem motivo as escripturas da socieda-



de lavradas á face de decretos com força de lei; privaram-os das garantias que lhes affiançavam uma carreira honrosa, e uma velhice tranquilla, e isempta de indigência; converteram-os de artistas em mercenários triennaes sem carreira, sem esperança, sem futuro.

Na doença, a usura; na incapacidade physica, a miseria; na decrepidez, o asylo da mendicidade, ou a esmola de porta em porta!

O acesso gradual, as pensões por serviço longo e proficuo, e os soccorros mutuos da beneficencia, tudo isso (ninharías!) pareceu vão e desprezível aos restauradores da scena.

Fazer do palco um theatro do Salitre aperfeiçoado, e dos actores uma companhia de meros escripturados, eis o alvo de todas as reformas rasgadas, e o pensamento profundamente progressivo da intervenção reparadora.

Sendo o aperfeiçoamento da arte um dos pretextos do decreto de 22 de setembro, já se vê como tratou os interpretes d'ella, despojando-os do que tinham obtido á sombra da lei, e sujeitando-os ás vicissitudes de puros jornalheiros, sem outro estímulo que não seja certo amor do seu nome, e a natural inclinação.

Os progressos corresponderam!

Em tres annos nem um actor novo, nem uma só vocação aproveitada!

O frio da Siberia regela o palco, e afugenta as platéas. Cada qual recita o seu papel, passeia, ou senta-se, conforme a rubrica, entra e sae, e no fim do mez recebe o salario, e volta ao seu ordinario gyro, calculando o tempo que ainda lhe resta de escriptura, e os annos que poderá contar de forças para subsistir pelos mesmos meios.

No edificio dos Caetanos tiritava a um canto a escola de declamação viuva de professores, e erma de discipulos.

Parecia útil, decente, e essencial recompôl-a, e abril-a, porque sem ensino especial não ha melhoramento verdadeiro n'este ramo; e embora as escolas não criem os genios, ou inventem as vocações, nem por isso estas dispensam o seu auxilio, ou aquelles se amadurecem sem a sua luz.

Se os conservatorios de Italia e de Paris não levantaram nos seus bancos o talento assombroso dos Rubinis e Talmas, as excepções gloriosas não os condemnam.

Seria o mesmo que dizer: fechae as escolas militares visto que não produzem um Napoleão de vinte em vinte annos, ou as universidades porque as não honra a miúdo a fama de um Arago, ou de um Thevard!

Como satisfizeo o decreto de 22 de setembro a esta parte, tão recommendada nos paizes cultos, aonde os theatros são considerados como instituições litterarias, e mais ainda como ballistas do estado intellectual e da civilização relativa?

De um modo facilimo.

Declarou com magestosa arrogancia, que o fim do theatro de D. Maria II era crear o gosto dos bons modelos e formar a escola da verdadeira declamação portuguesa.

Que mais era preciso?

A letra mata, e o espirito vivifica, diz a escriptura; aqui deve entender-se o texto á risca.

A letra matou.

A desgraçada aula de declamação, moribunda e descarnada foi mandada em uma maca para o novo Pantheon das artes, e affim de a consolar das dôres do transito, accrescentaram por de mais: soffrei com paciencia alguns mezes de dieta, que depois sereis remoçada, vestida de novo, e alindada como nem vós sonhaes.

Dito isto, e extinctos os premios, que se conferiam aos alumnos, nunca mais se tratou de tal, e ha tres annos gasta-se o dobro do que se gastava, para fazer menos do que se fazia, e para suprimir o ensino theorico e pratico, decretado por um ministro zeloso e illustrado, sob os auspicios do maior poeta portuguez depois de Camões!

Era justo punir a dictadura de 1836 das suas tentativas de progresso, e dar um quinau na face ao fundador do conservatorio, ao creador da scena moderna, ao autor de Gil Vicente e de fr. Luiz de Sousa.

Pois Almeida Garrett e Manuel Passos sabiam lá que coisa são theatros, livros, artes, e gosto?

Para formar autores basta o systema mercantil dos contractos sobre os direitos da propriedade artistica; e para crear actores não é preciso mais do que escriptural-os com desigualdades espantosas, na certeza de que amanhã morrerão de fome se um accidente qualquer os impossibilitar.

Tudo o mais não passa de idealidade vaporosa, de utopia ridicula, indigna de entreter as cogitações de pessoas graves e circunspectas, sempre dispostas a tratarem de resto o que se não traduz em lucro tangivel, ou em proveito immediato.

Firmada em bases assim largas e solidas, e allumiada de tão nobres principios, é claro que a reforma não podia deixar de merecer as bençãos.... dos seus beneficiados.

É verdade que o publico não concorreu a admirar os prodigios. É certo que apar de algumas obras esmeradas figuraram traducções torpissimas, e até farças de má vida; mas que vale isso?

Os bons modelos aperfeiçoaram a arte; e só o bello ensaio da *Vestal* vingou a tragedia de longos annos de silencio, e fez empallidecer de inveja nos Elyseos as sombras irritadas da Josepha Soares, e da Marianna Torres.

Noites d'aquellas pagam largos mezes de inercia. O verso harmonioso de Bocage recitado com mestria sem rival, raspou o ouvido, e beliscou o coração. De que servem sociedades, aulas, e premios, quando a declamação portugueza em dois passos chega á altura das melhores scenas tragicas!

O *Telegrapho Electrico* sepulta a *Fada do Fritz*, tão perseguida; e algumas notabilissimas e insipidissimas comedias, com que se estreou o primeiro periodo da reforma, pondo eterno veto ao riso e á jovialidade espirituosa, proclamam a introdução do genero piegas, que tantos elogios hade merecer á posteridade pelos seus dotes sublimes.

A regra para tirar bons fructos de uma arvore é cortar-a pela raiz. Alta nem todos lhe chegam; no chão qualquer os apanha! Os selvagens ensinaram-nos isto, e elles sabiam mais do que nós.

O melodrama espavorido e apupado no texto severo do decreto, aonde cuidam que foi refugiar-se? No artigo noventa e quatro do mesmo decreto!

Lá jazem compradas a diferentes varias traducções do genero proscripito, e se não viram todas a scena, nem por isso deixam de figurar honrosamente no livro de despeza, e nos armarios do chamado repertorio.

O vestuario, o scenario, e os adereços tambem abonaram desde logo o zelo, que abrasava os reformadores. Quem assistiu á representação do *Astrologo* do sr. Corvo e observou a riqueza e propriedade da guarda roupa, e decorações, não se atreverá a desmentir-nos!...

Mas, ao menos, se os resultados artisticos e litterarios não corresponderam ás promessas pomposas, a economia e o acerto deram razão certamente ás asperas censuras, que motivaram a publicação do decreto de 22 de setembro?

Examinemos!

Um jornal d'esse tempo que nos informe. Ouçamos o depoimento da *Revista de Lisboa*.

A importancia mensal dos ordenados dos actores escripturados em outubro de 1853 subiu a 1:126\$000.

O quadro dos empregados montava a 204\$133.

O vencimento mensal, o subsidio para vestuario antigo, e os dois beneficios contractados com a actriz Emilia das Neves, só para esta excedem de 240\$000 rs. mensaes, sommando tudo 1:570\$133 rs.!

Perto de dezoito contos por anno só para salarios!

Pela nova organização o quadro dos actores foi de vinte e quatro; na sociedade extincta os societarios eram vinte, importando por anno os seus vencimentos pagos na quantia de 5:268\$000; os escripturados eram treze, e gastavam 1:036\$800; e os empregados quinze, incluindo o caixa, o ensaiador, e o fiel da guarda roupa, e despendia-se com elles annualmente 2:516\$000 rs. televando-se o total a 8:820\$800, quasi menos 11:000\$000 de rs. por anno!

Pedimos desculpa d'esta longa enumeração de algarismos, mas, julgando-os indispensaveis para a exacta apreciação do assumpto, entendemos tambem que não seriam de todo ociosos mesmo como pontos de curiosidade.

O novo methodo de interpretação dos bons modelos, sem assegurar futuro e carreira aos artistas, principiou logo por uma despeza mais de dupla, para se coroar com os loiros da *Vestal*, e com as palmás do *Telegrapho Electrico*.

Observemos agora em relação ao publico o exito da reforma.

No anno de 1848 houve cento e quarenta e tres recitas, que renderam 18:166\$650.

No de 1849 as recitas foram cento e oitenta, e renderam 28:972\$610.

No de 1850 cento e oitenta e uma recitas produziram 22:221\$750.

Em 1851 deram-se cento e sessenta e uma representações, e apuraram-se por ellas 15:680\$815.

Finalmente de 1852-1853 (setembro 30) houve cento e setenta e oito recitas, e recebeu-se d'ellas a quantia de 25:597\$530.

No primeiro anno da empresa do governo as representações foram cento e uma, e o rendimento d'ellas — 11:666\$020.

O aperfeiçoamento da declamação e a restauração do gosto custaram pois nada menos de 13:931\$510 de differença, comparada a receita d'este anno de ensaio com a do anno immediato!

Não levaremos o parallelo mais longe, porque os factos expostos sobejam para se fazer juizo de tudo.

De mais, não se tendo publicado (que nos conste) as contas da gerencia theatral dos annos seguintes, faltam-nos os dados officiaes, e só por noticias verbaes pudemos tomar alguns apontamentos.

É para sentir que se negue a publicidade a taes documentos, quando nenhuma administração de fundos do estado pode ser secreta, e muito menos uma empresa theatral, que deve ser estudada por todos os aspectos, e por este mais que todos!

Confiamos do character probo e liso do actual commissario, o sr. D. Pedro do Rio, que esta falta, que não estava na sua mão evitar desde logo, será remediada. S. ex.<sup>a</sup> adoptou importantes economias, cortando verbas consideraveis de despeza inutil, e se não fez quanto ainda se carece é porque tem os braços atados pelos contractos e obrigações, que herdou.

Timbramos em ser imparciaes, e havemos de proval-o. N'estas questões só desejamos que se faça justiça a todos, e que não se abraçe a nuvem pela verdade, atraz de illuções e de palavras sonoras.

O que existia no theatro não era bom, não era perfeito, e não devia continuar assim; mas da maneira porque o reformaram não fizeram senão aggravar os encargos sem vantagem para a arte, sem protecção para as letras, e sem resultado possivel para o aperfeiçoamento da scena portugueza.

Eis o que os factos attestam.

L. A. REBELLO DA SILVA.

## UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

J. S. MENDES LEAL.

Continuação.

Percorrendo a immensa galeria litteraria de Mendes Leal, parece impossivel que ainda lhe sobrasse tempo para se dedicar a outros trabalhos. Entre nós ninguem produziu tanto em tão curto espaço de tempo. A sua imaginação não pára, e a penna quasi que não pode alcançal-a.

E muito mais teria escripto, e mais numerosas seriam as obras com que tem enriquecido o paiz, se o jornalismo lhe não tivesse absorvido grande parte do tempo, roubando-lhe, quasi diariamente, quatro a cinco horas á litteratura.

E sentimos, e choramos devéras este tempo em que nós, e o distincto escriptor, mais temos perdido do que ganho.

Ha no nosso paiz um peccado original que vicia de ordinario as paginas dos publicistas. As questões de doutrina em que pode brilhar a sisuda lição e o verdadeiro talento degeneram logo em controversia renhida. Em geral não se defendem theses, não se justificam principios. A polemica arma-se de allusões venenosas despenhando a discussão por um precipicio de que os espiritos serios afastam os olhos com repugnancia.

Não queremos aqui averiguar quem iniciou esta carreira fatal. E seria inutil, por que basta a opinião, experimentada nos desenganos, para designar o sacerdote sacrilego que assim falseou o culto desviando-o dos seus elevados instinctos.

Nada mais nobre do que a imprensa periodica, sempre que usa da palavra para esclarecer: nada mais odioso do que ella quando, substituindo as pessoas ás coisas, provoca os rancores e deprava os juizos.

Com razão lhe chamou um publicista eminente o *quinto poder*. É effectivamente um poder no estado, o maior de todos talvez; mas, por isso mesmo que é poder propende para o abuso, e ser cortezão d'elle é tão ignobil mester, como ser-adulador de qualquer outro.

Dotado d'uma sensibilidade excepcional, e de extrema susceptibilidade, Mendes Leal faltam-lhe os predicaos indispensaveis para ser jornalista, comoahi se intende; isto é, jornalista d'uma terra em que quasi todos os que se dedicam a esta carreira, vão já revestidos d'um certo scepticismo moral para affrontarem destemidos as insinuações malevolas e repugnantes, e prestes a empregarem sem escrupulo as mesmas armas.

A consciencia, o brio, e o pundonor são pois qualidades prejudiciaes para quem se filia de officio n'aquella confraria; e vulgarmente os que ahí querem viver desfazem-se d'ellas, mal recebem o diploma da mão de certos mentores.

Inaugurada esta seita de aventureiros politicos, os adeptos tem de se sujeitar ás condições que lhes são impostas, e todas ellas se resumem n'uma só: olhar aos fins, sem attentar nos meios.

Alguns fortes espiritos e almas elevadas, que se tem envolvido de boa fé n'este tirocinio jornalístico, ou tem desertado por lhe faltar feitiço para o exercerem, ou, indignados do que lá observaram, tem fustigado com a satyra pungente esse vicio social. Mendes Leal se ainda não seguiu o exemplo dos primeiros, não é de certo por falta de desejos: é por um capricho que o honra, e que poucos podem ou sabem avaliar.

Coherente em principios, tem professado sempre uma crença, e crença pela qual tem combatido e se tem sacrificado. Defendeu uma bandeira politica em quanto ella esteve de pé. Quando outra a substituiu, entendeu que lhe era desairoso retirar-se e permaneceu só no campo hasteando aquella bandeira diante da revolução triumphant, e firmando-a á custa dos mais arduos esforços e de inabalavel constancia. Raros levariam tão longe a abnegação. N'esta politica pequena em tempos como os nossos, é um rasgo heroico.

Achava-se Mendes Leal em 1851 á frente da redacção do jornal a *Lei*, de que não quiz desistir, sendo o unico jornal que arvorou, como dissemos, a bandeira da opposição. De 1851 até hoje nunca mais desamparou a brecha, e, soldado resolutio, affrontou todos os perigos com incessantes sacrificios. Esta dedicacção, além dos riscos da crise, na qual foi frequentemente ameaçado sem lhe dobrarem nunca o animo, valeu-lhe nada menos que a de-



missão do cargo de bibliothecario-mór. Pondo de parte a questão politica, as suas doutrinas administrativas e economicas, mal avaliadas pela paixão na cegueira do primeiro momento, mas pertinazmente e pacientemente por elle evangelizadas, são hoje as de toda a imprensa opposicionista, isto é, de todo o paiz, colligado contra a regeneração de que Mendes Leal foi o primeiro e incansavel adversario.

A sua demissão foi uma grave injustiça que se commetteu, e um desmentimento, dado pela vindicta partidaria, ao programma de tolerancia, de que foi odiosamente exceptuado.

Era um cargo litterario cuja competencia ninguem lhe pode contestar. A perda foi para a Bibliotheca, o prejuizo foi para a litteratura. O tempo o provará.

Mendes Leal tambem trocou a lyra pela escopeita. O poeta fez-se soldado. Empenhado na lucta de 1846 soube prestar-lhe igualmente serviços, ora com a espada, ora com a penna. Parece este o fado dos eminentes escriptores peninsulares. Foram assim Camões e Cervantes nas edades guerreiras. Assim foram Herculano e Garrett nas luctas civis.

Primeiro foi nomeado sub-secretario civil, quando o marechal duque da Terceira, em virtude do movimento de 6 de outubro, foi enviado por S. M. a Rainha á cidade do Porto, para desempenhar nas provincias do norte o alto cargo de seu Logar-Tenente. Mendes Leal acompanhou o duque n'esta missão.

Em consequencia dos successos que promoveram a revolução de 9 de outubro, Mendes Leal foi perseguido como os seus companheiros, e escapou á prisão, graças ao auxilio d'um amigo dedicado.

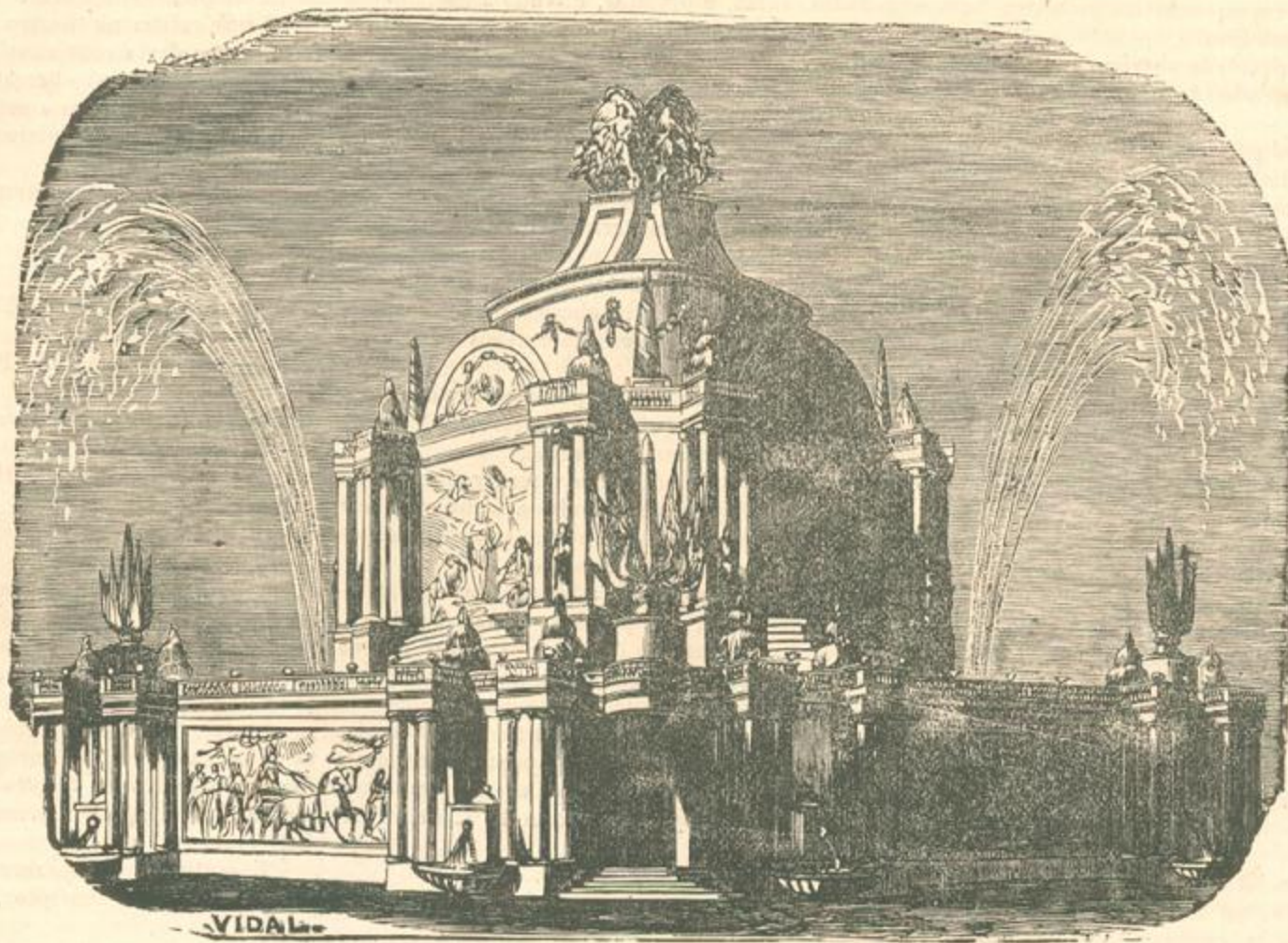
Mais tarde prestou altos serviços exercendo o logar de secretario geral e governador civil do districto de Vianna.

Servindo como capitão do batalhão de Voluntarios Cartistas da mesma cidade, organizou uma companhia e commandou-a em todo o tempo que durou a lucta. Tanto o serviço militar como o civil foram igualmente bem desempenhados por Mendes Leal, arriscando-se no primeiro quando a honra o exigia, e distinguindo-se no segundo, apesar das difficuldades da situação, d'um modo que lhe grangeou os louvores do governo e a sympathia dos administrados.

O sibillar das balas despertou no poeta como um canto guerreiro, en'aquella viva imaginação o enthusiasmo igualou o pun-donor. Sonhando glorias, no perigo via só poesia, e no combate a epopéa. Entristecia-o porém uma idéa — era ser uma guerra civil. Para vencer cumpria affrontar quasi o fratricidio. A bandeira que tremulava no campo inimigo era a mesma; conquistada era uma illusão e uma cegueira.

Mendes Leal foi dos que protestou sempre no seu partido contra a intervenção, e dos que mais se irritou com ella.

Na sua curta carreira



A paz de 1814. — Templo da Concordia.

de soldado soube merecer as mais brilhantes recommendações do commissario regio das provincias do norte, dos generaes conde do Casal e barão de Sanhoanne, o louvor do proprio marechal duque de Saldanha, e a honrosa menção que d'elle fez o governador do castello de Vianna, o conselheiro Sobral, como se pode verificar na relação do cerco do mesmo castello, publicada pelo referido conselheiro.

Quanto aos cargos publicos que Mendes Leal exerceu até hoje, foram: primeiro uma commissão no deposito

seus dias como elle, sempre dobrado á mesa do estudo.

Em 1851 foi eleito deputado pelo circulo de Beja, sendo para notar que a unica vez que ainda foi ao parlamento, foi justamente sendo opposição.

Apesar de luctar contra o governo da regeneração, então triumphante, a sua candidatura prevaleceu, e o homem que nunca se servira para isso do favor ministerial entrou no parlamento pela porta da opposição, sustentando franca e ousadamente uma bandeira que não era popular. É um exemplo que prova tudo em abono do caracter e valia individual da pessoa.

Na Camara firmou com a palavra as mesmas doutrinas e opiniões que iniciara na imprensa. Ensaiou ali brilhantemente o seu talento oratorio no discurso que pronunciou sobre o acto addicional no anno de 1852 — e se a debilidade da sua voz o prejudicou um tanto na tribuna, depois na leitura, como escripto, revelou o seu elevado merito.

Em 1855 a Academia Real das Sciencias franqueou-lhe as suas portas, prestando d'esta forma uma justa homenagem aos eminentes serviços prestados por Mendes Leal ás lettras.

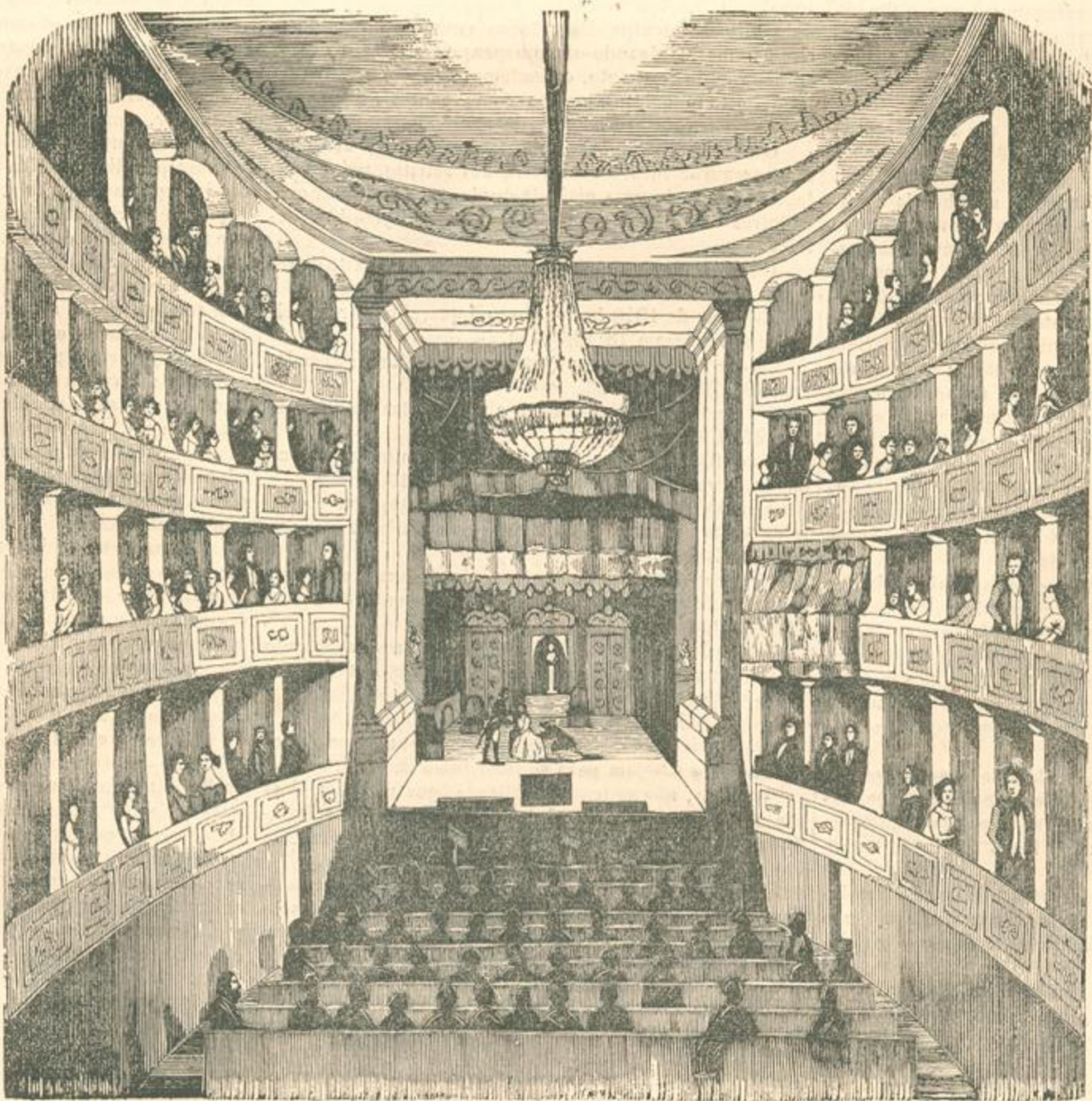
Não podemos resistir ao desejo de contar alguns detalhes que precederam esta eleição, que só teve logar depois da morte do visconde de Almeida-Garrett.

Mendes Leal foi ali o seu herdeiro directo como o era na lyra. E foi justo. Honrara-o em vida engrandecendo a vocação que o *Auto de Gil Vicente* lhe revelou, como elle mesmo escreveu. Cumpria honrar-lhe tambem a memoria na cadeira em que lhe succedeu. E hade fazel-o!

Mas deixemos divagações e tornemos ao nosso proposito.

Continua

ERNESTO BIESTER.



O theatro de D. Fernando.

O craneo humano encerra maior quantidade de loucura, que de juizo



O THEATRO DE D. FERNANDO.

O theatro de D. Fernando foi construido no local da igreja de Santa Justa, quasi ao fim da rua Nova da Princeza. Aguardou-se, para a sua abertura ao publico, o dia 29 de outubro de 1849, que é o natalicio de sua magestade el-rei o senhor D. Fernando.

Traçou e dirigiu a obra um engenheiro francez, mr. Arnould Bertin; e com tanta habilidade o fez que evitou muitos defeitos, que poderia ter, em vista do pouco terreno.

Não queremos dizer com isto que o theatro os não tenha; todos lh'os conhecem; e alguns saltam tanto aos olhos, que seria uma loucura negal-os. Mas é certo que muitos mais poderiam ser se o engenheiro os não evitasse. Portanto, sem escurecer esses defeitos, não podemos deixar de elogiar mr. Arnould pelos que atalhou.

A frente, que deita para o largo de Santa Justa, é de janellas de volta redonda, e tem tres portas d'entrada. Logo nos primeiros tempos não agradou a frontaria; mas depois, o costume de a ver fez esquecer o mau gosto que presidiu á sua feitura, e hoje já ninguém falla em similhante objecto.

A sala do espectáculo é simples, de forma eliptica, e mede, desde o proscenio, trinta e oito palmos de largura sobre cinquenta e dois de comprimento. Tem quatro ordens de camarotes, dos quaes são publicos sessenta e tantos; dos restantes pertencem dois a suas magestades, e os outros á empresa.

Na sala podem caber seiscentos e tantos espectadores.

Todo o theatro é illuminado a gaz, e a sala do espectáculo, que apresentamos na nossa estampa, tem um



Ser ou parecer.

lindo lustre. Os camarotes são forrados de carmesim. As pinturas foram executadas pelos srs. Rambois, Cinati, Rusconi, e Ignacio Caetano, distinctos e bem conhecidos artistas.

É impossivel desconhecer o serviço que com esta edificação fez á arte dramatica, ás letras, e ao publico, o seu proprietario.

SER OU PARECER.

Olinda é uma na rua, quando ataviada, e mettida na enorme sara, cuja roda e appensos postigos faz suppor

teu na cabeça ao sexo feminino que a belleza consiste em certas protuberancias, cuja exageração não permite distinguir uma mulher d'um dromedario.»

M.

Quando a penna não é lisonjeira, ou vendida, a alma do escriptor reflecte atravez de seus escriptos.

A razão pode fazer-nos conhecer os erros; o amor proprio nos veda o confessal-os.

As theorias seduzem; a experiencia desengana.

Os grandes falladores são os maiores tropeços dos eorpos deliberativos.



A inundação de Lyão.



## PHYSIOLOGIA DAS PLATÉAS DE LISBOA.

## PREAMBULO.

Como as platéas são o verdadeiro prisma que reflectem as diversas feições de uma sociedade.

Tem-se feito a physiologia de tudo, e só as platéas ainda não acharam o seu analysta. Desde a *Physiologie du mariage* até á *Physiologie du Gout*, e desde *Le provincial à Paris* até ao *Bas bleu*, todas as relações da vida, todos os ridiculos e intimos da vasta e complicada escala social tem deparado com o seu Balzac, e tido o seu Gavarni. A observação, inspirada pelo genio maligno da analyse e exagerada pelo lapis bufonico dos caricaturistas humoristicos, não tem deixado classe, vaidade, personificação, typo ou excentricidade que não haja feito desfilar n'essa numerosa e agitada galeria, que se reproduz e prosegue incansavel a todas as horas e a todos os instantes, chamada publicidade.

E todavia, as platéas continuam a conservar-se, como o antigo imperio da China, resguardadas de todas as vistas profanas da curiosidade, privilegiadas ante os golpes acerados do escarpello da critica.

Qual será a razão d'isto?

Era agora aqui o momento asado de fazer de sabio. Era esta a occasião de inquirir e devassar as origens d'esta questão etico-critico-social, e de resolver o problema a contento por certo dos animos mais renitentes.

Mas duas considerações, ambas igualmente graves, me temem mão no proposito, enfreado-me a penna.

Primeira consideração.

Para eu declarar quaes as causas d'este phenomeno era necessario, primeiro que tudo, investigal-as e defini-las, por que as não sei, mas como não me chega paciencia nem tempo para isso, resta-me ficar por aqui.

Segunda consideração.

Dado o caso, porém, que a minha resolução fosse outra, e que eu provasse á face da Europa illustrada de uma maneira dogmatica as causas das platéas ainda não terem deparado até hoje com o seu physiologista, dissertação esta que não valeria menos do que qualquer memoria academica sobre as modificações que pode soffrer a cultura da beterraba, eis que eu era proclamado homem de profunda sciencia.

A isto seguiam-se os cumprimentos e congratulações de todos os corpos scientificos e litterarios, pela importancia do meu trabalho, e apoz este primeiro passo um diploma de academico.

Ora como eu tenho uma indisivel disposição para a somnolencia, ver-me-hia constringido a recusar a soporifica honra de sentar-me na poltrona academica.

A esta recusa, os sabios irritados escreveriam contra mim dez memorias das mais succulentas e garrafas em todas as manifestações da invectiva.

Eu não ficava calado. Algumas explosões de indignação me rebentavam da penna.

Os sabios replicavam-me com o seu saber e com a sua autoridade.

Eu oppunha-lhes a minha insignificancia.

Tamanha audacia travava uma guerra de titães contra um pobre pygmeu, especie de *Gaticanea* ou nova *Batrachomyomachia*, cujo resultado, em todo o caso, seria desaire ou quebra da natural solemnidade para os graves academicos.

Assim está provado que o melhor é escrever este capitulo de forma que suscite o menos possivel a distincção de ser coroado por alguma academia ou instituto.

Estamos certos de conseguir este fim.

Dadas, pois, estas primeiras explicações, entremos na materia.

As platéas são o espelho de toda a sociedade e o microcosmo, onde, em epilogos eloquentes de vida e verdade, se resumem os verdadeiros gestos, expressões, esgares e lineamentos de uma physionomia nacional.

É esta uma these que ainda não foi discutida pelos philosophos do seculo, e que comtudo se apresenta já com a demonstração de maxima.

E as feições populares, a indole, tendencias e habitos de um povo, evidenciam-se e exprimem-se mais vehementemente no amphitheatro de um circo, nas trincheiras de uma praça, nas platéas de um theatro, nos palanques de uma tauromachia, ou, enfim, em todas as grandes reuniões atrahidas pelos espectaculos publicos, do que em outro qualquer ponto ou manifestação da actividade e jubilo sociaes.

Outra phase da these a discutir. Esta, porém, é de facil explicação, e por isso a daremos.

Já Chateaubriand disse que um povo se define melhor quando ri do que quando chora. E a razão é clara: é por que a dor, a sua expressão mais eloquente são as lagrimas, que é a linguagem afflictiva do coração de todas as epochas e paizes, de todas as condições e individuos; em quanto que a alegria se manifesta por tantos modos quantas são as diversidades de usos, costumes, temperamentos e caracteres das diferentes nações do globo. O iroquez ri fazendo esgares e rebolando-se pela terra: o chim dá desafoço á alegria estorcendo a physionomia mais n'uma caretta do que alegrando-a de uma expressão jubilosa: o laponio mostra a sua satisfação saltando guinchos e uivos que põem medo a quem o ouve: o allemão mal quebra a sua habitual gravidade desfranzindo a tes-

ta em presença de algum motivo galhofeiro; e o inglez escancara a bocca até ás orelhas e solta girandolas de estrepitosas gargalhadas só por ver dois gallos n'uma briga ou um urso branco com um macaco trepado no touço.

E todavia, todos são homens, mais ou menos dominados pela influencia secreta do temperamento, mais ou menos sujeitos aos influxos de uma civilização em atraso ou attingindo todos os aperfeiçoamentos moraes da etiqueta cortezã e primores da cortezia, mais ou menos dispostos, por genio peculiar, a entregarem-se de alma e coração aos entretenimentos convencionaes e facticios que os progressos do gosto tenham improvisado, e que o ocio oriental, o *far niente* italiano, a preguiça brasileira ou *spleen* britannico, exijam como reagente moral.

Provado que os povos manifestam mais pronunciadamente todas as feições do seu caracter individual nas grandes explosões de alegria, e provando-se que no theatro os espectadores riem mais do que choram, está achada a demonstração do como uma platéa é o local onde se denuncia, em toda a sua diversidade caracteristica, fogo e vivacidade, o sentir moral de um povo.

Debaixo d'este ponto de vista, uma platéa é um thema vasto ás ponderações de todo o espirito reflexivo e observador. Vê n'ella como que reflectirem-se todas as variantes, condições e alternativas de uma existencia. Cada espectador representa um episodio, cada reflexão denuncia um indicativo moral da vida, cada alvitre exprime uma relação de aperfeiçoamento intellectual, cada commoção evidencia um affecto, cada confrangimento revela um caracter, cada lagrima caracteriza uma paixão, cada riso patenteia uma alma.

E isto tudo expresso, ou incuidosa e sinceramente, como n'um quadro de Hogarth, com alarido, movimento, expansão, arrojo e alacridade, ou rebuçado e como que involvido n'esse veio denso e hypocrita que mascara todos os affectos, que disfarça todas as palpitações, que modifica os mais tenues impetos interiores, chamado civilização.

E encarados debaixo d'esta ordem de idéas, os theatros aristocraticos são aquelles que menos apresentam uma face leal ás investigações da curiosidade do analysta. A educação, essa nova natureza que a illustração e o primor dos costumes emprestam ao individuo, contrafaz as mais fogosas e innocentes sensações, e da impressão que devia produzir uma torrente de lagrimas ou uma explosão de hilaridade, apenas deixa apparecer um leve indicio no semblante do homem chamado civilizado.

É porque a rigidez da etiqueta prohibe que o coração ria á flor dos labios. Os sentimentos, expressados na força da sua verdade e energia, são banidos do codigo do bom tom. Este livro tyrannico manda que se ria e chore sem abrir a bocca nem altear as sobranceiras. É um sentimento eminentemente artistico e inimigo de todo o genero de caricatura o que dictou este preceito!...

Mas apesar d'esta contrafeição do que a alma sente, em despeito d'estas imposições que o equilibrio das altas conveniencias sociaes põe sobre o natural desabafo das sensações, ha momentos em que o effeito de um lance dramatico ou dos tregeitos truanescos de um vegete, atira com essa falsa mascara das convenções fora do rosto do grande mundo, e o obriga a rir ou a chorar como a qualquer aldeão.

São estes os instantes preciosos para o critico sagaz. É então que elle surprehende, nas suas mais indicativas revelações, o caracter de todas as diversas classes que formam o publico dos varios theatros. As physionomias retratam n'essas occasiões toda a alteração dos sentidos; e cada gesto compassivo, ou cada interjeição admirativa é como uma pagina, onde o analysta lê facilmente o intimo das almas.

Attentae.

Imaginae-vos, por exemplo, no theatro de D. Maria: representa-se *Maria Stuart*. É no quinto acto, quando a infeliz rainha, depois de se ter erguido dos pés do confessor, chama as suas damas. Com uma doce e santa resignação, que lhe irradia do rosto já como a aureola dos bemaventurados, a princeza determina as suas ultimas vontades apenas alguns momentos antes de caminhar para o patibulo.

As boas servas caíram-lhe de joelhos em torno, e os soluços da angustia e da saudade expiram-lhes nos labios affogados pelo pranto.

A scena é do pathetico mais sublime que pode inventar a melancolia humana. É um quadro de verdadeira poesia sentimental em que a formosura e a mocidade parecem talvez porque as cingira a corôa de rainha!

Olhae n'esse momento para os camarotes e para as platéas, e vereis que a etiqueta retirou-se envergonhada para deixar apparecer o coração na sua nudez eloquente da dor compassiva.

A infelicidade da desventurada soberana da Escossia feriu todas as almas, e esse infansto acontecimento, reproduzido sobre o palco pelo talento tragico da sr.<sup>a</sup> Emilia das Neves, faz reviver em todos os peitos os mesmos generosos sentimentos que rodearam a irmã de Isabel junto do cadafalso.

Agora o reverso do quadro: transportae-vos á Rua dos Condes.

No momento de entrardes corre o melhor das transformações e visualidades da *Torre suspensa* ou da *Romã encantada*. Das entranhas do palco surge um magico, de horrida catadura, de negro vestido talar, com a cara-

puça em forma conica, todo coberto de figuras cabalisticas. Do sorvedoiro que o vomita saem chammaz azuladas que diffundem um ambiente de enxofre. Á sua vista os ares rebramam em ribombo horrendo e os arbustos transformam-se em palacios de marmore e cristal.

Observae n'este momento os espectadores que enchem a platéa e camarotes, e estudaes-lhes as physionomias. Que mistura de pasmo, surpresa, e intima satisfação lhes fulge nos rostos! Todos elles são olhos e orelhas. Não ouvem nem vêem senão o que se passa nos dominios phantasticos d'aquellas nuvens de papelão e lona. Além d'esses limites não ha outro universo possivel. A sua existencia, n'aquelle instante, concentrou-se toda debaixo d'aquelle ceo de bambolinas e entre aquelles vegetaes de cartão pintado. Qualquer peripecia é coroada de estrondosos applausos, e as palmas rebentam e centuplicam-se com furia entusiastica a cada transmutação da scena. Pois se o temivel Abracadabro lhe dá para converter o pobre do camponez em macaco ou crocodilo, então o entusiasmo sobe a delirio e de delirio passa a loucura. Os gritos, os bravos, o trepidar dos pés e fremito das mãos, exprime toda a alegria rude e turbulenta d'aquellas almas, que não sabem apagar o ardor das suas sensações no calmanete que recebem os bons termos sociaes.

Estes dois quadros bastam para se inferir todo o sentir, para se profundar todo o natural de dois publicos, diversos pelos instinctos, pela educação, pelos habitos e pelas pretensões. Elles só por si dão a medida da sua physionomia moral, retratando-a na expressiva linguagem dos sentidos, surexcitados pela presença da scena mais tragica de um grande drama da historia, ou pelas metamorphoses de um entretenimento essencialmente popular.

Mas cada platéa apresenta-se como um mundo diverso. O publico do theatro de D. Maria é tão diferente do publico do theatro de D. Fernando, como os espectadores habituaes da Rua dos Condes differem dos dilettantes do theatro lyrico. São planetas diversos, que gravitam todos para o mesmo centro — o desejo de gosarem; — que se regem pela leis geraes do mesmo systema planetario — que entram e saem nas platéas, que se sentam e levantam, que applaudem e dão pateada; mas que gyram na sua orbita propria e exclusiva, como Marte e Jupiter, e se differenciam em opacidade ou esplendor, como Saturno e Venus.

É esta a distincção e qualificação que vamos emprender.

Para isso assentaremos a nossa machina daguerreotypica em frente das diversas platéas dos theatros da capital, mesmo n'esses momentos felizes em que a energia dos sentimentos rebenta de todas as faces nas suas manifestações mais caracteristicas. É uma galeria de quadros populares que vamos expôr á curiosidade dos leitores. O publico, que é o actor complexo de todas estas scenas, que julgue da verdade do retrato.

ANDRADE FERREIRA.

## TELEGRAPHIA ELECTRICA.

(Continuação).

## II

Desde 1774 que se ensaiou a telegraphia electrica. Applicava-se a electricidade chamada statica. Em cada estação havia uma machina electrica, e tantos fios quantas as letras do alphabeto; cada fio correspondia a um apparelho constituido por uma base de sabugueiro suspensa por uma linha.

Fazia-se communicar a machina com um ou com outro fio, tinha logar na extremidade opposta uma repulsão da bola correspondente. Assim se indicavam as letras. Era a arte na sua infancia.

Depois em 1794 o allemão Revier aperfeioou um pouco este meio, substituindo a repulsão pela fiação electrica. As letras achavam-se traçadas sobre um disco de metal, o qual estava isolado sobre uma mesa de vidro, a cada letra ia ter um fio. A letra era indicada pelo logar onde se via a fiação.

Parece que desde 1787 um tal Bettencourt tinha formado um telegrapho electrico que funcionava de Madrid a Aranjuez. A producção dos signaes era feita descarregando garrafas de Leyde.

A electricidade statica não podia ser um meio telegraphico vantajoso. Accumulando-se á superficie dos corpos d'onde tende a escapar-se, era um agente pouco subordinado, muitas vezes havia de desobedecer ao homem. A descoberta da pilha (1) em 1800, abriu uma era telegraphica. O homem tinha á sua disposição nova origem constante d'electricidade, e facil de regular. Para se poder applicar a transmissão dos signaes só restava achar o meio de tornar sensivel a distancia a presença do fluido.

Em 1811 Soemmering imaginou um telegrapho fundado na decomposição da agua pela pilha. A agua é formada pela combinação de duas substancias gazosas. Quando atravez d'ella passa a corrente electrica, seus elementos se separam. Soemmering tinha trinta e cinco tubos

(1) Pilhas são apparelhos que servem para desinvolver electricidade em movimento, em corrente.



de vidro com agua, e cada tubo d'uma estação communicava com a outra por intermedio d'um fio. É escusado dizer que a cada tubo correspondia convencionalmente uma letra ou um numero. Pondo qualquer dos fios em comunicação com uma pilha, a agua que se achava no tubo onde elle ia terminar, começava a decompor-se, o que se reconhecia pelo apparecimento de pequenas bolhas de gaz, que se elevavam até occupar a parte superior do tubo. Esta evolução gazosa cessava logo que o fio deixava de comunicar com a pilha, e apparecia em um outro tubo para designar uma outra letra, se com outro tubo se estabelecesse a comunicação. Reduzia-se tudo a ver os tubos em que apparecia evolução gazosa e ir escrevendo as letras correspondentes.

Este processo de Soemmering era dispendioso e muito imperfeito, teve de se abandonar; nem mesmo chegou a empregar-se em ponto grande.

Todavia deve notar-se que seu autor conheceu bem quaes as vantagens que se podiam tirar do emprego do telegrapho electrico, e as indicou em uma memoria muito curiosa que ainda hoje se admira.

Foi Ampère, o grande sabio a quem a physica tanto deve, quem em 1820 propoz a applicação da acção magnetica da electricidade como meio telegraphico. Ampère porém não conseguiu fazer marchar a telegraphia pratica. Eram precisos muitos fios para indicar as letras. Ampère tomava para base do telegrapho o desvio que a agulha magnetizada apresenta quando se faz passar uma corrente electrica por um fio que está enrolado em torno d'ella sem a tocar, e deixando-a mover livremente em todos os sentidos.

Em 1834 mrs. Gaun e Weber pozeram em comunicação o gabinete de physica e o observatorio de Gottingue, realisando as idéas de Ampère.

Em 1837 mr. Steinheil em Munich e mr. Wheatstone em Londres construíram telegraphos com diferentes fios, cada um dos quaes funcionava sobre sua agulha magnetizada.

O grande aperfeiçoamento da telegraphia electrica que a tornou viavel, que lhe deu toda a preponderancia sobre a sua rival de quem era coeva, foi o emprego dos *electro-ímans* ou *ímans temporarios*. Imagine-se um bocado de ferro macio, em torno do qual se faz enrolar um fio de cobre envolto em seda. Ponde esta peça em comunicação com uma pilha, o ferro se magnetisa, e adquire todas as propriedades d'um iman. Logo que deixe de haver a comunicação do fio electro-íman com a pilha, a magnetisação acaba.

O que ha de mais notavel é a prodigiosa rapidez com que o ferro doce recebe e perde o magnetismo; não se pode achar intervallo apreciavel entre o momento em que a electricidade começa a actuar sobre elle, e aquelle em que começa a magnetisação. No espaço de um segundo podemos magnetisar e desmagnetisar um bocado de ferro um grande numero de vezes.

Uma das propriedades mais notaveis dos magnetes é a attracção que elles exercem sobre o ferro.

Estabelecidos estes principios, é muito facil perceber o telegrapho electrico actual, porque apesar de serem innumeraveis os systemas propostos e empregados, todos tem o mesmo ponto de partida.

Supponhamos que se pretende estabelecer a comunicação electrica entre Lisboa e Cintra. Ligam-se as duas localidades por um fio metalico, o qual chegando a Cintra vae enrolar-se muitas vezes em torno d'uma peça de ferro macio. Em Lisboa põe-se uma pilha em acção, e faz-se comunicar com o fio; a electricidade percorre-o logo todo, por isso que a sua velocidade é espantosa, e vae magnetisar o bocado de ferro que em Cintra está enrolado na extremidade do fio. Vejamos agora como se aproveita a magnetisação para indicar os signaes.

Já dissemos que os magnetes attrahem o ferro: portanto se em frente do nosso magnete artificial estiver uma chapa de ferro que seja movel ella será attrahida em quanto a electricidade estiver passando pelo fio. Se em Lisboa interrompermos a comunicação da pilha com o fio, a peça existente em Cintra desmagnetisar-se-ha immediatamente, e portanto a chapa deixando de ser attrahida, voltará á sua posição primitiva. Para que volte com toda a certeza ha uma pequena mola, tendendo constantemente a puxal-a em sentido contrario áquelle para onde a electricidade tende a chamal-a. Se novamente se estabelecer a comunicação em Lisboa a chapa é attrahida, deixando de o ser quando houver outra interrupção.

Temos pois visto como a electricidade produzida no aparelho existente em Lisboa, percorrendo o fio que vae até Cintraahi ora magnetisa ora desmagnetisa uma peça, d'onde resulta uma attracção que se exerce de quando em quando sobre uma chapa fronteira, que portanto entra em movimento de vaivem.

A mechanica ensina o modo de converter este movimento em outro que se aproveita para indicar os signaes.

Differentes autores disputam entre si a honra da invenção do telegrapho actual, principalmente Morse, o americano, e Wheatstone o inglez. Seja como fór o physico inglez foi o primeiro que o levou a effeito em 1840.

Um outro aperfeiçoamento importantissimo feito na telegraphia electrica ainda ha poucos annos foi o do emprego d'um só fio para estabelecer a comunicação entre estação e estação. Por muito tempo se empregaram dois fios, em consequencia de se julgar por idéas theoricas, que a electricidade precisava ter um caminho para vol-

tar ao aparelho d'onde partira. Achou-se, porém, que o mesmo resultado, e ainda melhor, se conseguia pondo as duas estações em comunicação com a terra, hoje só se emprega um fio, e trabalha-se com pilhas de menor força para a mesma distancia.

O fio destinado a ligar as estações pode achar-se collocado no ar, debaixo da terra, ou da agua. Conforme a sua collocação, as linhas telegraphicas tomam diversos nomes; linhas telegraphicas aerias, subterraneas ou submarinhas: qualquer que seja o systema que se empregue, ha a attender a duas circunstancias, evitar a perda de electricidade, e garantir os fios da destruição. O fio mais conveniente pela sua boa conductibilidade, e por ser pouco alteravel é o de cobre, porém preferem-lhe geralmente o de ferro por ser mais barato.

O ferro em presença do ar humido cobre-se de ferrugem e destroe-se em pouco tempo, mas se o envolvem n'uma capa de zinco conserva-se sem alteração; por isso toma-se o fio de ferro de quatro millimetros de diametro e mergulha-se n'um banho de zinco fundido. O ferro assim preparado é conhecido pelo nome de ferro galvanizado.

Se a linha é aeria, o fio suspende-se em postes de madeira collocados de distancia em distancia, d'ordinario de cincoenta em cincoenta metros, tendo entre quatro e nove metros d'altura. Os postes são geralmente de pinho e injectados de sulfato de cobre afim de se não destruirem facilmente com o tempo. Outras vezes contentam-se com uma pintura a oleo, e queimarem e alcatroarem a parte que se enterra no chão, que pode ter de um a dois metros d'altura.

O fio não está preso immediatamente ao poste; mas por intermedio d'um pequeno aparelho que é a campanula. A campanula é de loiça para que seja má condutora de electricidade, tem pouco mais ou menos a forma d'uma campainha, no seu interior ha um ganchinho de ferro soldado ás paredes por intermedio do enxofre só, ou do sulfureto de ferro. O fio está suspenso pelo gancho.

Em algumas localidades, ha na parte superior do poste uma especie de tecto que serve para abrigar da chuva o aparelho que acabamos de descrever.

De quatrocentos em quatrocentos metros, ou mesmo de kilometro em kilometro ha aparelhos tensores do fio os quaes se acham sustentados por postes que então tem a figura d'um T. Cada poste tem dois aparelhos extensores um de cada lado, um para dar tensão ao fio que chega, e o outro para fazer tenso o fio que continua a linha. O aparelho extensor consta d'uma roda á qual dando-se corda como a um relajo o fio se vae enrolando, não podendo desenrolar-se depois. Os aparelhos de tensão acham-se sustentados por campanulas, que são de dimensões muito superiores ás outras já descriptas. O meio de suspensão é o mesmo.

Nos angulos e nas extremidades das linhas fazem-se algumas modificações nos aparelhos de suspensão de que julgamos inutil dar idéa.

Apesar de todas as precauções que se empregam, sempre ha perdas e grandes d'electricidade especialmente em tempo humido; e é principalmente (1) por essa perda que os aparelhos electricos funcionam umas vezes com uma pilha de dez pares, por exemplo, e outras vezes precisam de muito maior numero de pares.

A comunicação do fio com os aparelhos das estações é feita por intermedio de dois fios de cobre cobertos de gutta-percha que são os que distribuem a corrente aos diferentes aparelhos.

A comunicação com a terra é estabelecida por fios que se fixam a barras de ferro que mergulham no solo.

Se a linha é subterranea maiores são as precauções que se devem ter afim de que o isolamento seja o maior possível, aliás o fluido electrico se escapará todo pelo solo humido.

Foi Jacobi de S. Petersbourg o primeiro que empregou os fios subterraneos. Tomava tubos de vidro soldados topo a topo, e era dentro do tubo que ia o fio. Depois vendo que não ficavam bem isolados quiz cobril-os de caoutchouc. As experiencias não corresponderam ao que Jacobi esperava.

Em 1847 Siemens empregou a gutta-percha.

Primeiramente cobriam-se os fios só de gutta-percha; assim se fez na Prussia, mas notou-se que dentro em pouco a substancia voladora se alterou e o fio se inutilizava. Hoje isola-se cada um dos fios cobrindo-o com uma capa de algodão embebido em aleatirão, ou com uma capa de gutta-percha; mas juntam-se todos os fios, assim isolados uns dos outros e mettem-se n'um tubo de chumbo que se isola dentro em um tubo de ferro. Os fios que se empregam então são de cobre. Hoje ha uma grande tendencia para generalisar o emprego dos fios subterraneos por diferentes razões.

O fio aerio pode com facilidade cortar-se e isso se tem feito em casos de revolução, ou malevolencia; o fio subterraneo escapa mais facilmente á destruição; isto que se pode dar de proposito, pode dar-se tambem accidentalmente.

O fio aerio nunca pode estar bem isolado, além d'isso a electricidade atmospherica vem muitas vezes obstar a

(1) A elevação da temperatura tambem influe muito na força a empregar, porque os corpos solidos, e portanto o fio offerecem mais resistencia á passagem do fluido electrico quando aquecem.

que elle funcione, a ponto de ser impossivel, por algumas horas, a transmissão dos despachos, isto evitava-se com o estabelecimento das linhas subterraneas.

Á primeira vista parece que o emprego das linhas debaixo do chão tinha o inconveniente de não se saber em que ponto havia desarranjo em caso d'accidente. Todavia não é assim: determina-se com toda a facilidade esse ponto da linha onde o fio se interrompeu por meio d'experiencias facéis e promptas. Ha mesmo formulas já estabelecidas, trabalhando com as quaes essa determinação se faz com bastante segurança, podendo o engano ser apenas de poucos metros.

*Linhas submarinhas.* — Quando é necessario atravessar massas d'agua empregam-se cabos feitos com todo o cuidado, e a transmissão dos despachos tem logar com a mesma facilidade com que se faz nos outros casos.

Foi mr. Wheatstone o primeiro que teve a idéa e propoz o meio que se devia empregar para estabelecer as linhas submarinhas.

A descoberta da applicação da gutta-percha ao revestimento dos fios de metal lisos facilitou, se é que não foi quem permittiu a solução da questão. O primeiro ensaio de telegraphia submarinha foi feito por mr. Walker em 1849 com duas milhas de fio de cobre, e foram bem succedidas as experiencias que se fizeram então. Os signaes passaram-se entre Londres e o barco Princeza Clementina onde estava Walker. O fio mergulhava no mar proximo de Iolkstone.

Mais tarde mr. Jacob Brett dirigiu a collocação d'um cabo entre Doves e Calais o qualveiu a partir-se, mas tinha-se ficado com a convicção, que se podia levar a effeito a telegraphia submarinha. Foi em 1852 que se conseguiu definitivamente a união da França com a Inglaterra por um cabo, graças a mr. Crampton.

Os cabos que servem para estabelecer as ligações telegraphicas atravez do mar, são formados de fios de cobre de um a dois millimetros de diametro, cercados de gutta-percha vulcanizada (1); envolvidos em estopa alcatroada, e por fora cercados por fios de ferro galvanizados correm ao longo do cabo enrolando-se em helice. Os fios de ferro servem para obstar á fractura dos de cobre.

O cabo que vae de Doves a Calais pesa cento e oitenta e dois mil e setecentos kilogrammas, tem trinta e oito kilometros d'extensão; pensava-se que não poderia resistir aos agentes de destruição que o cercavam, sobretudo ás vagas, peixes, ancoras dos navios, etc. Apesar de todos os receios que primeiro tiveram os scepticos, a pratica veiu dar-lhes um desmentido. Examinando-se ainda em 1855 o estado do cabo que liga o Reino Unido á França, achou-se que estava tão bom como no dia em que tinha sido lançado ao mar.

A telegraphia submarinha está hoje conquistada, ninguém d'ella duvida; até nós já a temos atravez do nosso Tejo proximo de Villa Franca.

Quando se vê assim o homem a zombar dos elementos, sabendo que atravez dos mares passem as suas ordens, não sabemos qual admirar mais, se as propriedades da materia, se a descoberta, e applicação d'ellas. Onde irá parar o movimento scientifico do seculo actual? quem poderá calcular o que serão as artes e as sciencias d'aqui a alguns annos? É preciso marchar depressa para se poder acompanhar de longe o movimento scientifico dos ultimos tempos.

Hoje já muitos outros paizes se acham ligados por linhas telegraphicas submarinhas. A 3 de maio de 1853 ligou-se Dover com Ostende. No Rheno igualmente se acha funcionando este telegrapho. Ainda ha pouco tempo Varna se ligou com Balaklava por um cabo de setecentos kilometros. Muitas outras linhas se acham estabelecidas, mas a mais notavel é a que se projecta, a do telegrapho electrico transatlantico. Atravessar-se-ha o Oceano para se ligar o cabo de Horn com Spetzberg. Os primeiros estudos começaram em 1853 e foi uma companhia americana quem os executou. Segundo o sabio mr. Maury o logar mais proprio para estabelecer a comunicação é o mar entre a Terra Nova e a Irlanda porque a profundidade do mar ahí é bastante grande, chega a tres mil seiscentos sessenta metros na parte mais funda, e assim não ha que recear dos gelos fluctuantes nem das montanhas de neve; além d'isso a tão grande profundidade as aguas do Oceano pouco movimento apresentam. O problema será resolvido antes de 1858 ligando a Irlanda com S. João da Terra Nova, e depois esta linha se unirá com as linhas americanas, fazendo comunicar a Terra Nova com a ilha do Principe Eduardo, a qual já comunica com o continente americano. Assim se ligará o antigo e o novo mundo. Dentro em poucos annos bastarão alguns minutos para se expedirem despachos de Londres para Nova-York, Calcutá e Pekim. Felizmente que nós já temos telegraphos electricos e dentro em pouco vamos participar de todas as vantagens que elles trazem. Oxalá que se apressem em franqueal-os ao serviço do publico. Apesar da indolencia que nos caracteriza havemos de marchar, porque não se pára no meio d'uma torrente, embora se seja muito retrogrado.

J. A. DA SILVA.

(1) As propriedades do caoutchouc, ou gomma elastica e da gutta percha modificam-se completamente quando a esses corpos se junta enxofre; á operação em que isso se faz chama-se vulcanisação e o producto é a borraxa ou a gutta-percha vulcanizada.



## INUNDAÇÃO DE LYÃO.

As chuvas extraordinárias e continuadas por semanas inteiras causaram no sul da França e nos valles do Loire inundações espantosas; as cheias de rios caudalosos alagaram os campos e produziram nas povoações innumeráveis estragos, orçando por muitos milhões os prejuizos em lavoiras e edificios. A cidade de Lyão foi das que mais padeceram: o Rhodano que é um dos vehiculos do seu importante commercio converteu-se em instrumento de ruinas, saindo do leito e asseberbando o terreno muito além das suas margens com aguas impetuosas.

O imperador dos francezes foi pessoalmente visitar os districtos inundados e distribuir soccorros ás victimas d'este flagello. Abriam-se subscripções por toda a parte, mesmo em paizes estrangeiros, nomeadamente em Inglaterra. Felizmente as noticias mais modernas informam da cessação dos damnos, porquanto apesar de continuarem por algum tempo chuvas excessivas, o Rhodano não cresceu outra vez a ponto de sair dos limites ordinários.

O *Correio de Lyão* escreve que já não havia receios de novos estragos; que se trabalhava com a maior actividade em esgotar as aguas estagnadas que ficaram desde Tête d'On até a Vitriolerie. Toda a grande rua Guilloiere achava-se já desimpedida desde a ponte do mesmo nome até á praça de S. Luiz; foi a localidade que padecia mais, cavando em varios sitios profundos barrancos a torrente, que arrebatou casas inteiras; uma de dois andares e ao que parecia construída solidamente derrocou-se perecendo n'ella seis pessoas. As desgraças foram numerosas.

O Saône tambem não tornou a trahbordar; as aguas retiravam-se dos logares inundados mediante as cortaduras que se praticaram. O vento que em todo o mez soprou do sul com violencia tinha rodado para o norte. A estampa representa o acto de salvar a gente em barcos e durante a noite.

M.

## O PHAROL DE N. S. DA LUZ.

O nosso desenho representa o pharol de Nossa Senhora da Luz, que está situado em uma posição elevada, a uma legua, pouco mais ou menos, da cidade do Porto.

Este pharol é do systema antigo, cujos inconvenientes são hoje bem conhecidos. Mas a sua torre, sem ser um modelo de architectura, não deixa de ter alguma elegancia.

A vista que se gosa d'ali é magnifica; e cremos que poucos pinceis a poderão reproduzir.

## A PAZ DE 1814. — TEMPLO DA CONCORDIA.

Em commemoração da paz assignada em 1814 celebraram-se grandes festejos em Londres, com pomposas illuminações, profusão de fogos de artificio, e outros divertimentos publicos que custaram grossas quantias; nos parques, sobretudo, elevaram-se apparatusas construcções, e d'estas as principaes foram, um pagode china sobre uma ponte artificial em S. Jame's-park, e o templo da concordia em Green-park: era este ultimo uma fabrica toda composta de madeira e lona pintada, com bom gosto de architectura e ornamentos, completamente illuminada: do topo do mesmo se lançavam foguetes de variadas cores, e balões da mesma maneira; as armas reaes, um grande baixo relevo que representava a reanimação do commercio e os outros beneficios da paz, muitas estatuas allegoricas e inscripções analogas ao objecto brilhavam com o esplendor de milhares de luzes. A multidão apinhava-se a contemplar o espectáculo, porque a paz era grata a todos depois de muitos annos de combates n'uma guerra porfiosa que exauriu as riquezas da Grã-Bretanha, e em que tambem nos empenhou uma invasão aleivosa, fornecendo-nos ensejo de mostrar ao mundo que n'esta nação ainda não tinham esmorecido os brios militares, que a fizeram celebre na Asia e nas campanhas que cimentaram a gloriosa restauração de 1640 e a independencia do reino.

M.

## CHRONICA SEMANAL.

É devéras para estranhar o silencio em que a imprensa tem permanecido depois da representação das comedias *Como se sobe ao poder* e *Casamento e Despacho*.

Similhante indifferença torna-se digna de censura diante de duas producções originaes. E isto n'uma epoca em que tudo merece as honras da discussão e da publicidade.

Em quanto um trabalho litterario passa assim desapercebido, dedica-se exclusivamente um folhetim a proclamar as vantagens e desvantagens da *crinoline* e a fazer a apologia das *saias-balões*.

De forma que a litteratura entre nós, o que menos attende, são as letras. Empenha toda a riqueza da sua imaginação e toda a pompa do seu estylo a descrever uma reunião, a exaltar uma *soirée* e a poetisar um jantar. Temos admirado bellos trechos e até mesmo eruditos sobre taes assumptos. Já se sabe que o bello sexo predomina sempre em tudo. O folhetim, a chronica, o fabulario

transformaram-se em cartas de namoro, bilhetes de visita, modelos de cortezia e lisonjeiros de profissão. Em continuada genuflexão diante dos seus idolos, só estes os inspiram. E para prova ahí tem os bazaares da *Festa do Passeio Publico*, que foram o tonel das Danaides para os folhetinistas.

Convencidos portanto, como estamos, da influencia feminina no jornalismo, é a ella que attribuímos este silencio da critica. Uma das comedias desagradou geralmente ao mundo elegante, e os Trissotins e Vadius que por lá esvoaçam o que haviam de fazer? Dar-lhe razão; é o seu officio. Quem não faz outro tanto está claro que não conhece a sociedade nem a frequentou nunca. Dizem, por exemplo, que o autor pintou a excepção e não a regra geral. É provavel. E quando assim fosse não tinha elle a liberdade de escolher para personagens do seu drama os caracteres que entendia convenientes para realisar a sua idéa? E não era esta evidentemente apresentar o mau que existe n'essa sociedade, procurando stygmatisal-o severamente e desnudal-o aos olhos da turba para que lhe evite o contacto? Preferem as apotheoses do vicio que só servem para o fortalecer e animar?

Se n'aquelles retratos reconhecem similhaça, fazem o elogio do autor e contradizem-se. Ha ou não ha d'aquelles individuos no centro da sociedade?—este é o argumento. Se os ha, o poeta realiso o seu pensamento que era desmascaral-os. Não é culpado das insinuações officiosas dos espectadores. Como na comedia não ha personalidades, quem accomodou a carapuça é que fez a offensa.

Na nossa opinião, o *Casamento e Despacho* é uma feliz e esperançosa tentativa. Entendemos assim a comedia, e tambem assim a entendia quem disse: *ridendo mores hominum castigantur*. Continue pois o nosso amigo Antonio de Serpa seguindo o trilho que encetou que hade ir longe.

Dito isto façamos ponto n'este assumpto, para irmos tratar de pagar uma divida em que ficámos com os nossos leitores. Trata-se da apreciação da comedia *Como se sobe ao poder*, que annunciámos para hoje no numero antecedente.

Antes porém de nos involucermos na sua analyse, permitta-se-nos que hesitemos na classificação que lhe havemos de dar como obra de theatro.

— Pois não é uma comedia? dirá o leitor.

— Não.

— Então é um proverbio?

— Tambem não.

— Quereis então que seja drama?

— Menos.

— N'esse caso...

— Não atinaes com o que possa ser!— Lá vae pois a minha opinião. *Como se sobe ao poder* é uma phantasia, um capricho, uma excentricidade, um devaneio, finalmente é tudo menos o que se podia esperar ver na scena, prendendo a attenção e despertando a curiosidade.

A idéa da obra foi inspirada pelo titulo seguindo depois o autor só a inspiração. Não traçou portanto quadro, não esboçou as figuras, nem meditou enredo. Do dialogo é que nasceu a limitada acção que contém. A disposição e escolha dos personagens serviram para completar o pensamento do poeta. Tudo mais foi quasi improviso. É este o nosso juizo franco e imparcial.

Perguntará agora o leitor, e com razão, como é que faltando á comedia *Como se sobe ao poder*, todos os attributos e qualidades, por assim dizer, indispensaveis n'uma peça de theatro, conseguiu esta agradar?

— É o segredo do autor, ou antes o segredo do verdadeiro talento. Ninguém o adivinha, mas todos lhe soffrem a impressão. E é por isso que lhe chamam o fogo sagrado,—fogo que queima sem deixar ver a labareda.

*Como se sobe ao poder*, agradou pela veia satyrica e espirituosa com que está escripto o dialogo e pelos delicados epigrammas de que está matizado. Desperta o riso de bom gosto e inspira o interesse d'uma conversação finamente animada.

Resume-se a intriga pouco mais ou menos no seguinte. No primeiro quadro que se apresenta aos olhos do publico, como o principal, e que mais tarde é quasi eclipsado pelo segundo, apparecem estes personagens: um antigo militar por nome Estevão da Cunha, o Talavera, criado e ex-camarada do sobredito, e Emilia filha do mesmo.

Tres typos portuguezes dois dos quaes admiravel e exactamente desenhados, o Talavera e Emilia. Falta ainda um quarto, Luiz da Silveira, official de marinha, mancebo dotado de uma grande alma, d'uma elevada nobreza de character e de muito coração, todo elle n'aquelle momento cheio da filha do general. Este desconfia da inclinação, o Talavera presente-a, Emilia adivinhou-a já, e quando a revelação chega todos estão dispostos a approval-a.

No segundo quadro, destinado a desinvolver o pensamento que o titulo indica, figuram os differentes personagens indispensaveis a similhantes empresas: uma mediocridade ornada d'um titulo que aspira a ministro, um jornalista, um agiota, um morgado arruinado, um advogado em disponibilidade, e dominando esta turba uma mulher de summa intelligencia e d'um espirito excessivo. Já se sabe que o titular é o esposo d'esta madame Roland, embora não se pareça nem por sombras com o marido da outra.

A condessa de Castro Verde, assim se chama a nossa

heroína, consegue á força de astucia, e de finura, elevar a ministro o homem que, sem o seu auxilio, nunca passaria d'um mau dono de casa. Basta-lhe empregar um sorriso para attrahir, um epigramma para desarmar, uma lisonja para convencer. E assim destroe toda a opposição, e chama ao partido do conde os seus adversarios. Affectando completa indifferença realisa tudo quanto deseja. Representa com extrema delicadeza e habilidade o seu papel, sem mostrar na physionomia a menor alteração, tanto no dia da elevação, como no da queda do conde.

É este um dos caracteres mais bem sustentados e talvez o mais desinvolvido da comedia. É verdade tambem que se ali os não encontramos completos, ha-os admiravelmente esboçados. Francisco Braga, o agiota, e Paulo de Azevedo, morgado arruinado, são d'este numero. A alliança estabelecida entre elles está bem conduzida e plenamente justificada. Exploram-se mutuamente, a intelligencia e o dinheiro.

A falta de enredo ou acção é compensada n'esta comedia por um movimento extraordinario, o que talvez concorresse bastante para o exito lisonjeiro que alcançou. Quasi que custava a seguir ao espectador conservando-o d'este modo sempre distraído.

Concluiremos dizendo, que a comedia *Como se sobe ao poder* é uma valiosa promessa, e que estamos persuadido de que L. A. Palmeirim pode, querendo, dar-nos razão para o futuro. Poucos estylos se prestam tanto ás exigencias d'este genero de producções. O que, porém, desejavamos e muito vel-o tentar, era um quadro de costumes verdadeiramente portuguezes e populares. É n'este desenho de typos que L. A. Palmeirim é eminente. Já o provou n'esse modelo do genero que nos deu no jornal a *Semana*, sob o titulo da *Afilhada do Padre Prior ou a Familia do Capitão mór*. Ensaie uma tentativa igual no theatro e prophetisamos-lhe um successo.

No theatro do Gymnasio apresentou-se ultimamente em scena *O Canteiro*. É nem mais nem menos do que o *Marbrier* de Alexandre Dumas. Todos que conhecem o drama podem avaliar qual seria a execução. O papel altamente dramatico de *Gervais*, cujo desempenho coube a mr. Luguet no theatro francez, foi agora confiado ao sr. Romão. Quando aquelle não alcançou reproduzil-o lisonjeiramente pode-se calcular o que este ultimo faria. Foi uma caricatura completa. Era de esperar.

Todos os mais actores foram igualmente mal, exceptuando a sr.<sup>a</sup> Anna Cardoso que mostrou comprehender a sua parte, imprimindo a algumas scenas verdadeiro sentimento. Ganhou mesmo na comparação com a artista franceza que o tinha feito.

Mas quem aconselharia ao theatro do Gymnasio de representar dramas? Que elementos existem ali para os poderem apresentar dignamente? Onde estão os actores dramaticos d'aquella companhia? Porque não continuam antes a dar o repertorio que lhe fez a reputação e o elevou á cathogoria do nosso segundo theatro? É o que devem fazer, e é com boa intenção que damos este conselho.

Ha n'aquelle theatro dois bellos talentos comicos, Taborde e Isidoro, é aproveitál-os. É ao primeiro, unicamente, que o Gymnasio deve o prestigio que alcançou.

Ensaie-se no theatro normal para subir á scena no dia 31 do corrente mez um drama do sr. Antonio Augusto Corrêa de Lacerda, intitulado *Fazer fortuna*.

ERNESTO BIESTER.

## AVISO.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta, por conta do mesmo editor até ao numero dos 200 exemplares, em casa dos seus correspondentes.

Acham-se completos 7 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1656.

Continuará sem interrupção até 1826.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 91; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.